

Christian PLANTIN, Marianne DOURY, Véronique TRAVERSO (Org.). *Les Émotions dans les Interactions*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon. 2000. 329 pp. ISBN: 2-7297-0639-9

Olívia Figueiredo
Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)

Fazendo jus à colecção de que faz parte – «*Ethologie et Psychologie des Communications*» – esta obra compendia-se e estrutura-se em um conjunto de 18 capítulos – tantos quantos os artigos assinados individualmente ou em colectivo – que correspondem às comunicações apresentadas no Colóquio *Les émotions dans les interactions*, realizado na Universidade de Lyon 2 em Setembro de 1997.

O denominador comum destes estudos, oriundos de autores e de campos epistemológicos diversos, é dar conta do estado das pesquisas sobre as manifestações e o papel dos afectos nas interacções comunicativas. Pelos títulos dos capítulos e pela extensa bibliografia específica que os acompanha, adivinha o leitor os objectos transversais de reflexão e as problemáticas tratadas. Tendo por domínio a adopção de perspectivas específicas do campo da linguística interaccionista, da psicologia e da semiótica, os artigos, no geral, discutem, de forma directa ou indirecta, a questão das emoções na sua forma de linguagem emotiva ou de linguagem emocional.

No capítulo 1, página 15, “*Logos, ethos, pathos – L’actualité de la rhétorique des passions chez Aristote*”, o seu autor, Ekkehard Eggs, destaca a ideia, que vincula não ser só sua, de que há cenários que desencadeiam sentimentos bem determinados. Do ponto de vista lógico e social cada descrição deve permitir formular topoi do tipo: “se há um cenário de tipo x, haverá uma emoção do tipo y”. Para justificar a pesquisa nestas três vertentes (*logos, ethos, pathos*), o A.

apresenta um argumento incontornável: a língua. Porque é através desta que as emoções se lexicalizam numa multiplicidade de palavras e se gramaticalizam numa série de construções gramaticais. E é nesta perspectiva, segundo o A., que continua a residir a actualidade de Aristóteles.

Já no capítulo 2, página 33, que tem por título “*Quelle place pour les émotions dans la linguistique du XXe siècle? Remarques et aperçus*”, a sua autora, Catherine Kerbrat-Orecchioni, lamenta a tão pouca importância dada ao estudo das emoções durante o século XX. Destaca, no entanto, alguns autores (Sapir, Bally) e correntes (Escola de Praga, Semiótica) como pioneiros e afiança que a “afectividade linguística” se actualiza no discurso por meio do léxico, das expressões fixas, da ordem das palavras no enunciado, exclamações e interjeições. E a nível pragmático, os actos de fala expressivos, as trocas comunicativas com carácter intersubjectivo onde se passeiam os ritos sociais, onde se pavoneia a salvaguarda do face a face, onde se contratualiza o social e o cultural, onde se aproxima ou distancia a relação entre os participantes no e do discurso. Haverá ainda os fenómenos emocionais, como os índices vocais e mimo-gestuais. Assim, as emoções constituem hoje uma área imensa de investigação, dado ter-se já provado que as emoções invadem todos os discursos e constituem “*un facteur fondamental de la rationalité et de l’adaptation du lexique français des émotions*”.

O capítulo 3, página 75, é assinado por dois autores: Dario Galati e Barbara Sini. Como se depreende do título, “*Les structures sémantiques du lexique français des émotions*”, e do que os AA. aclaram ao longo da sua exposição, é que uma das vias de acesso privilegiadas ao estudo das emoções é a linguagem verbal, sobretudo pelo viés do léxico da emoção. Num trabalho de investigação, para destacar os universais de quatro campos semânticos de quatro emoções primárias (*cólera, medo, alegria, tristeza*) e para explicar de que forma a linguagem humana estrutura a emoção num horizonte relativo ao léxico emocional do francês, os AA. submeteram os sujeitos a várias experiências. Após o estudo experimental, o resultado veio confirmar que os termos em francês correspondem a quatro famílias de emoções primárias (*alegria, tristeza, medo, cólera*) que são diferentes e menos numerosas que as que resultaram das pesquisas em inglês, mas que

se assemelham às famílias de emoções primárias encontradas para o italiano. As diferenças entre o léxico emocional do inglês por um lado, e o do francês e o italiano por outro, tornam plausível a possibilidade de fundar uma taxonomia universal das emoções.

“Aspects du calibrage des distances émotives entre rhétorique et psychologie” é o título do capítulo 4, página 89. É convicção da sua autora, Claudia Caffi, que a emotividade é parte integrante do sistema linguístico e comunicativo. A pesquisa centra-se num corpus de interações entre dois interlocutores: médico e paciente. A intenção é verificar como se exprime a emotividade, como se gere a emoção e como se constrói e negocia a co-identidade. Os resultados são expressivamente reveladores: os fenómenos gramaticais e semânticos degradam-se em modalidades pragmáticas que, por sua vez, se degradam em efeitos psicológicos obtidos por implicaturas. A calibragem das distâncias emotivas é parte integrante da competência comunicativa e conduz ao fenómeno da mitigação (downgrading). Conclui-se, assim, que o recurso aos mecanismos específicos linguísticos “mitigados” é fundamental nas relações humanas emotivas.

Por seu lado, Claude Chabrol, no capítulo 5, página 105, estuda a emoção numa perspectiva psico-socio-semiótica para averiguar da semiotização dos afectos numa comunicação total (linguística, vocal, gestual, mimética, postural). O artigo, cujo título é “De l’impression des personnes à l’expression communicationnelle des émotions”, dá a dimensão do enfoque da reflexão. Na tradição retórica da semiotização do *ethos* e do *pathos*, parte-se da ideia de que a “patemização” é um fenómeno de intencionalidade enunciativa que se encontra ligada à “percepção” e aos “afectos” do enunciatário. Dado que todas as desordens sociais e pessoais são portadoras dum potencial emocional, há que investigar as trocas conversacionais, avaliar a sua força emocional ilocutória e perlocutória e procurar detectar aí índices neurofisiológicos pertinentes. Porque a patemização está em relação com os processos somáticos, embora não se confunda com eles.

No capítulo 6, página 125, Patrick Charaudeau considera também que não há discurso sem “patemia”. No artigo que tem por título “Une problématisation discursive de l’émotion. À propos des effets de pathémisation à la télévision”, o A. reforça a ideia de que

em qualquer troca discursiva a “patemia” tem a sua presença, dado não haver discurso sem intencionalidade, nem intenção sem emoção. Sendo que as emoções, como estão ligadas a saberes de crenças que se inscrevem na problemática da representação e da simbolização do mundo, se apresentam ao sujeito como uma construção figurada e é através desta visão que ele constrói a sua própria identidade.

“Les mimiques du créateur, ou l’auto-référence des représentations affectives », capítulo 7, página 157, tem como seus autores Jacques Cosnier e Sophie Huyghues-Despointes. Neste artigo, destaca-se sobretudo o carácter das trocas verbais, vocais, mimo-gestuais. Os AA. consideram que estas trocas estão inscritas em mecanismos cognitivos. De acordo com os resultados da experiência, os desenhos de rostos que foram pedidos para serem esboçados pelos indivíduos sujeitos à experiência manifestaram e exprimiram no papel emoções (de *alegria*, de *tristeza*, de *cólera*, de *surpresa*, de *desgosto*, de *vergonha*) iguais às que eles próprios manifestavam nos seus rostos enquanto desenhavam. Foram estas emoções auto-referenciais faciais que os investigadores quiseram verificar ao mesmo tempo que quiseram ver que cores os indivíduos usavam nos seus desenhos para manifestar emoções. A maioria dos sujeitos utilizou o preto para manifestar a tristeza e o vermelho para a alegria.

O capítulo 8, página 169, tem por título “L’observation et l’analyse des affects dans l’interaction” e os seus autores são Roxanne Bertrand, Apostolos Matsangos, Blandine Périchon e Robert Vion. Dá-se conta de uma experiência para apreciar o modo como os indivíduos reagem emotivamente a uma situação. Desta pesquisa postulam-se os seguintes princípios: as emoções têm efeitos duráveis no desenvolvimento da interacção; um pouco de emoção pode desbloquear a troca comunicativa, muita emoção corre o risco de perturbar a comunicação.

“Pourquoi chuchoter quand on parle de chocolats? Gestion décalée de l’émotion aux plans verbal, vocal et mimo-posturo-gestual”, de Claire Maury-Rouan, é o título do capítulo 9, página 183. Este artigo dá também conta de alguns trabalhos de campo. Conclui-se das experiências que a aceleração do débito verbal (aceleração das palavras na evocação de um conflito de família, na evocação de um sofrimento) funciona como um sinal de alarme e que as emoções

perduram para além do seu desencadeamento, da sua manifestação momentânea ou da sua primeira verbalização explícita. Os sujeitos não geram a emoção no próprio momento em que ela se desencadeia, reenviam-na para mais tarde, para o momento da conversa, na qual a emoção aparece nas formas mais diversas.

Já Antoine Auchlin, no capítulo 10, página 195, parte do princípio de que todo o discurso é um dado de experiência intra-subjectiva. Depois de várias experiências, o A. faz a hipótese de que o uso da linguagem implica necessariamente a fusão de afectos de natureza e de origens distintas: estados exógenos – independentes da actividade verbal em curso; estados endógenos – dependentes do que vive o falante enquanto falante. O artigo tem um extenso título: “Grain fin et rendu émotionnel subtil dans l’observation des interactions: sur le caractère «trans-épistémique» des attributions d’émotions”.

O capítulo 11, página 205, “Les émotions dans la confidence”, tem como autor Véronique Traverso. Neste artigo dá-se conta da dimensão configuracional e prototípica da “confidência”. Analisadas as emoções em tal género discursivo, a A. conclui que a emoção, como objecto do discurso, é uma co-construção. No decorrer da interacção, e através de negociações, a emoção constrói-se por efeito do esforço de partilha das apresentações: do lado do locutor, um esforço para dizer; do lado do confidente, um esforço para compreender.

“M’enfin!!! Des ‘petits mots’ pour les ‘petites émotions’?” constitui o título do capítulo 12, página 223. Robert Bouchard, seu autor, considera que as “pequenas palavras”, factos de língua, exprimem emoções quotidianas como reacções a intervenções verbais ou não-verbais. Estas partículas (interjeições), além de essencialmente reactivas, também funcionam como marcadores da emoção e da estruturação da co-acção dando a entender ao outro (por meio da mímica e dos gestos) um encadeamento entre a acção verbal ou não-verbal precedente. Deste estudo, conclui o A. que uma emoção é um afecto que o sujeito comunica enquanto o comunica.

Já no capítulo 13, página 239, aborda-se a emoção pelo viés da tipologia argumentativa em um género muito específico: o debate político. O título “Le débat politique télévisé – Une stratégie argumentative en trois dimensions: textuelle, interactionnelle et émotionnelle” aponta para as dimensões que um texto argumentativo recobre: não

só textual e interaccional, mas sobretudo emocional. E é esta dimensão o elemento mais determinante na situação de comunicação.

Michel Maroccia, no capítulo 14, página 249, trouxe à colação um aspecto deveras actual: os smileys que circulam nas mensagens trocadas na Internet. Tendo o artigo por título “Les smileys: une représentation iconique des émotions dans la communication médiatisée par ordinateur”, o A. destaca que tais mensagens transmitem informação na dimensão emocional através dos smileys (ícones de emoção ou “émoticons”). Com este estudo, quis o A. provar que os smileys na comunicação mediatizada por computador vêm mostrar, afinal, que a emoção não é algo a mais na interacção, mas algo de necessário para a construção da significação de uma intervenção.

O capítulo 15, página 265, cujo título é “La réfutation par accusation d’émotion – Exploitation argumentative de l’émotion dans une controverse à thème scientifique”, aborda a questão da emoção no texto de carácter científico. A autora, Marianne Doury, refuta a ideia de que a ciência é fria, impessoal, não emocional e afirma que a ausência de emoção num debate de tema científico não é a regra.

Já no capítulo 16, página 279, Giuseppe Manno, no seu artigo “L’appel à l’aide humanitaire: un genre directif émotionnel”, debruça-se sobre um género discursivo particular: o apelo. Direccionando o estudo nessa área, o A. passa em revista os actos de discurso directivos, sobretudo os actos de fala indirectos, que ele considera altamente estereotipados. Identifica no texto escrito os “patemas” gráficos e estabelece uma relação com os aspectos psicológicos. Conclui o A. com uma pergunta: o género directivo será emocional (espontâneo) ou emotivo (consciente)? No caso concreto do apelo será ao mesmo tempo emocional e emotivo porque neste género discursivo as emoções experimentam-se e dão-se a experimentar aos outros.

Em “Conversational Logic and Appeals to Emotion”, Douglas Walton, capítulo 17, página 295, conduz a sua investigação para a ideia de que toda a argumentação faz apelo à emoção porque toda a linguagem natural contém conotações emocionais.

O capítulo 18, página 313, é o último artigo da obra. O título “Pathos, sentiment moral et raison: L’exemple de Maurice Barris” não deixa margem a dúvidas. A sua autora, Ruth Amossy, não põe em causa que o sentimento e o raciocínio coexistem e trabalham a par

na interacção argumentativa. Aqui o *pathos* alia-se ao *logos*. A adesão afectiva assim como racional do auditório advém desta aliança.

Após a leitura transversal dos estudos que compõem *Les Émotions dans les Interactions*, verifica o leitor que há uma linha selectiva da qual emerge um denominador comum: a emoção como instância enfática de comunicação e de expressão entre os interactantes do discurso. Não deve, contudo, surpreender-se o leitor que os artigos insertos nesta obra abarquem distintos conteúdos, diferentes enfoques teóricos, variados percursos epistemológicos e metodológicos. A origem de toda esta voragem de heterogeneidade resulta da complexidade do seu objecto de estudo tanto nas suas manifestações, como nos seus aspectos. Apesar disso, esta obra resulta num contributo para a compreensão da linguagem dos afectos. Obra rigorosa e apaixonante, lúcida e comprometida, a sua leitura atenta ensina-nos a saber mais sobre a emoção e a razão e a considerar, na linha de António Damásio, que a emoção é o sistema de apoio sem o qual o edifício da razão não pode funcionar eficazmente.

Isto porque, se não se pode dissociar a linguagem das actividades cognitivas que a motivam, também não se pode dissociar as emoções do sujeito que age na língua e sobre a língua.